



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

N.º 7 — 2.ª SÉRIE MAIO DE 1964 PREÇO: \$50

MEDIDAS PARA ACABAR COM A FALTA DE CARNE

Fala-se agora menos da falta de carne, só porque foram importadas umas tantas toneladas de carne estrangeira. O que não dizem é que se não havia estrangeira era porque tinham cessado de a comprar porque estavam a guardar todo o dinheiro para a guerra, para a compra de armas, para pagar à CUF, à Colonial e à Nacional de Navegação os chorudos transportes de tropas, etc. O que não dizem é que estão a enlatar carne que mandam para as rações dos soldados em campanha em Angola e na Guiné, e para os reforços militares que mandaram para Timor, Macau, Moçambique e Cabo Verde.

Mas o problema da carne não está de forma alguma resolvido com a importação de alguma carne estrangeira, mesmo se essa importação se fizer regular. O problema português da carne tem de ser resolvido em Portugal, voltando-se as autoridades não para o mercado internacional mas para os produtores de gado e para os consumidores.

Dizemos para os produtores de gado porque é necessário que a política em relação a estes se modifique. É PRECISO MODIFICAR O SUBSÍDIO DOS NOVILHOS. Aqueles 3500 por quilo de novilho ou novilha a partir de 150 quilos só deviam ser atribuídos a partir dos 250 quilos, pois tal como está seduz o lavrador imediatamente mas impede os animais de virem a ser bois (o que é uma perda considerável de carne) e vacas (o que além da carne, anula a produção possível durante 10 anos, de cerca de 50.000 litros de leite e mais as suas crias, ou seja cerca de 10 novas vitelas). Além disso, os lavradores

do Douro Litoral e doutras regiões do Norte utilizam os novilhos enquanto crescem em trabalhos agrícolas. Para estes produtores das zonas de engorda, sobretudo do Noroeste, eram necessárias MEDIDAS QUE GARANTISSEM A COMPENSAÇÃO DE PREÇO NA VENDA, EM FUNÇÃO DO PREÇO DE COMPRA E DA DEFESA FEITA COM O GADO.

O governo terá de escolher entre o aproveitamento de todos os baldios para os serviços florestais e o seu aproveitamento para apascentar o gado. Como escreveu numa carta aos jornais um camponês de Arco de Baúlho: «Julgavam que o homem só viveria de madeira!...» O próprio «Jornal de Notícias», depois de informar que num inquérito que fez recolheu «as queixas de numerosos lavradores acerca da assustadora diminuição do número de cabeças de gado ovino» (...) «por ser impossível a pastagem tradicional dos montes

(continua na 2.ª pág.)

Ao serviço dos camponeses

Com o presente número «A TERRA» encerra o primeiro ano (2ª Série) de publicação regular ao serviço dos camponeses do Norte, e inicia o seu segundo ano.

Durante o ano que findou publicaram-se seis números do nosso jornal nos quais foram tratados, através de entrevistas, de informações e notícias, de artigos a propósito, os problemas mais urgentes com que se debate a Lavoura Nortenha, desmascarando os principais responsáveis — o governo fascista de Salazar — e apontando soluções.

Quando publicámos o primeiro número dissemos que «A TERRA SERÁ O JORNAL DOS CAMPONESES DO NORTE DO PAÍS, DE TODOS OS AGRICULTORES HONRADOS, DE TODOS AQUELES QUE AMAM A TERRA E DELA EXTRAÍEM GRANDE PARTE DAS RIQUEZAS NACIONAIS...»

Olhando para o caminho percorrido vemos que o nosso jornal (continua na 4.ª pág.)

CORREU SANGUE NO 1.º DE MAIO!

A hora de «A TERRA» começar a ser impressa chega à nossa redacção a notícia de que em Lisboa, durante as manifestações do 1.º de Maio, o fascismo cometeu mais um crime: UM MORTO E DOIS FERIDOS! A longa série de crimes praticados pelas forças repressivas salazaristas há agora mais um a acrescentar.

Ao mesmo tempo que saúda o heróico e combativo povo de Lisboa que tão valentemente transformou o Dia do Trabalhador numa grandiosa jornada de luta contra o fascismo, «A TERRA» apela para que todos os camponeses do Norte se solidarizem com as vítimas de mais este 1.º de Maio, para que protestem, por todas as formas ao seu alcance, contra mais este crime, exigindo o castigo dos responsáveis.

Escrevendo nas paredes, muros e estradas; enviando às autoridades milhares de postais, telegramas, abaixo-assinados; fazendo concentrações, exijamos: ABAIXO O FASCISMO! PAZ EM ANGOLA E NA GUINÉ! LIBERDADE! DEMOCRACIA! AMNISTIA!



ELES É QUE DIZEM...!

«A região do Noroeste transmontano nunca gozou de boa saúde, do ponto de vista económico e social (...) Nunca soube o que fosse evolução, progresso, euforia (...) Os 70% da sua população activa que, directa ou indirectamente se dedicam à agricultura vivem, por vezes, em condições chocantes de dignidade humana, bastando referir a propósito, e para que se não duvide do asserto, que em grande número de casos essa pobre gente não dispõe de estradas, nem de água potável, nem de electricidade, nem de telefone, nem de assistência médica ou social, nem de previdência, nem de ensino. (...) A sua agricultura, em especial, jamais deixou de rastejar e exhibir a sua crónica medania, insuficiência e involução» (dr. Teles Grilo).

«Total carência de protecção e regalias aos que trabalham a terra ou aos pequenos lavradores que sendo juridicamente senhores dela são de facto seus escravos» (dr. Belchior da Costa).

«A crise agrária não é do ano mas de vários anos. Não é só de mal estar, de desespero, de impotência, de colecção de prejuízos, mas sim de falta de esperanças, de não se saber o que fazer para superar as circunstâncias, para recuperar os prejuízos» (dr. Águedo de Oliveira).

«Não foi o Estado que vivificou a maioria das terras ingratas de Portugal. Foram as famílias com ajuda doutras famílias». (dr. Águedo de Oliveira).

PARA QUE SERVEM OS GRÉMIOS?

O governo para defender os interesses dos grandes proprietários da Lavoura, como os Ferreirinhas (produtores de mais de 1.000 pipas de vinhos generosos), Marquês da Graciosa, Messias, etc. criou a organização corporativa da Lavoura, como os Grémios, Junta Nacional de Frutas, Federações vinícolas, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, etc. Para que servem todos estes organismos? Para que servem, por exemplo, os Grémios?

Servem para receber as cotas que todos nós somos obrigados a pagar. Que benefícios colhemos disso? Nenhum! Não nos fornecem empréstimos (pois os poucos que o governo concede ficam todos nas mãos dos grandes proprietários), não nos vendem os adubos mais baratos do que o comerciante e quando os fornecem temos que pagá-los a pronto, enquanto que o comerciante nos vende a crédito; não nos fornecem auxílio técnico, mandando-nos especialistas para nos ensinarem a utilizar os adubos, os fertilizantes, qual a terra mais adequada para determinadas culturas, etc. Abandonam-nos à nossa sorte, metidos no meio duma propaganda comercial que só serve para aumentar as nossas dificuldades e lançar a confusão. Os Grémios, todos sabemos, viram-nos às costas sem quererem saber das nossas dificuldades.

O governo diz que eles são os defensores dos produtores agrícolas, mas a verdade é outra. Concedem-nos eles subsídios contra as trovoadas, queimas, enxurradas, etc.? Não! Eles só se preocupam com os interesses dos grandes capitalistas e lavradores, os quais, estão interessados na nossa ruína, para não lhes fazermos concorrência.

E porque é que eles defendem os interesses dos grandes? E porque o governo ao fundá-los criou uns estatutos que nos tornam difícil entrarmos nas suas direcções. Todos nós sabemos que eles são dirigidos pelos grandes lavradores, que são, duma maneira geral, presidentes das Câmaras, da «União Nacional», que é o partido do governo, etc.

Perante esta situação o que temos de fazer?

Juntarmo-nos todos e obrigar os Grémios a defender os nossos interesses, que são afinal os interesses da grande maioria dos lavradores.

Obrigá-los a fazerem eleições e a prestarem contas do dinheiro

(continua na 3.ª pág.)

Medidas para acabar com a falta de carne

(continuação da 1.ª pág.)
diz em relação aos Serviços Florestais: «É de lamentar que esses serviços se tenham fechado sobre si mesmos, e tenham abstraído do factor humano, como se apenas os factores técnicos tivessem que ser respeitados e como se tudo se pudesse resolver apenas pela técnica» e não tenham dado atenção ao «homem das montanhas, uma das manifestações mais grandiosas da realidade humana portuguesa». E depois queixam-se que o povo, numa revolta justa, lhes pegue fogo às florestas! É preciso favorecer a pastagem dos gados nos baldios ou em terrenos próprios!

SOMOS PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS

A importação de carne congelada provocou novos aumentos do preço da carne. Ora os lavradores portugueses que se dedicam à produção de carne também querem ter maior compensação! O preço da carne tem de aumentar logo na produção, mesmo que tenha de sofrer novos aumentos nos talhos. E o povo, o consumidor, pode pagar? Não! Por isso nós preconizamos o aumento do preço da carne ao produtor, o desaparecimento dos in-

termediários oficiais e dos grossos negociantes das feiras e o aumento geral dos salários e ordenados para que o consumidor não só possa pagar mais caro no talho mas possa comprar mais carne.

O povo português quase não come carne! As autoridades dizem que cada português come por ano 17 quilos e meio de carne de boi. Mas isso é a média. Se descontarmos a carne imensa que é comida pelos homens do governo e outras autoridades, pelas embaixadas e outros estrangeiros residentes em Portugal, pelos hotéis e restaurantes, pelos capitalistas e grandes proprietários, ver-se-á que a maior parte da carne é comida por eles! É preciso aumentar os salários para que cada português coma mais carne e a pague melhor de forma a impulsionar a produção.

ORGANIZEMO-NOS EM COOPERATIVAS

Se nos organizássemos em cooperativas de venda de gado, acabaríamos com os intermediários, criando serviços para venda directa ao comércio. As nossas cooperativas poderiam abater, frigorificar e vender e ainda poderiam comercializar os ossos e gorduras,

criando pequenas indústrias regionais que trabalhassem aqueles produtos e até a carne, através de conservas ou de enchidos.

O problema é sempre o mesmo. Temos de nos unir e defender os nossos interesses, já que ninguém no governo pensa em nós senão para nos explorar.

O GRAVE PROBLEMA DA FALTA DE BRAÇOS

Precisamos de trabalhadores e não os temos; quando os há pedem uma tal jorna que nos é impossível aceitar! Este é o clamor geral.

Como regra geral esta situação nos obriga a um choque com os operários agrícolas, cada parte na defesa dos seus interesses, é quase sempre contra eles que atiramos as culpas. Mas isso não é justo. Senão, analisemos as coisas:

Por que faltam os trabalhadores? Porque emigram para a França, primeiro 2 ou 3, depois outros, e mais, e mais. Hoje, há terras quase sem homens, «aldeias fantasmas» como lhes chamam nas Beiras. Ainda «O Século» de 27 de Março dizia em correspondência de Marinha das Ondas: «pode-se afirmar que o número de trabalhadores rurais foi desfalcado em mais de 90 por cento», e de Canedo de Chão (Mangualde): «falta de pessoal trabalhador, principalmente homens. A continuar assim, algumas terras terão de ficar por cultivar, pois, nesta região, em Tabosa, Fagilde e Pedreles já não há trabalhadores que cheguem».

Mas por que emigram os operários agrícolas? Porque não ganham cá o suficiente para comer, dar de comer aos seus, pagar a sua renda de casa e vestir. Eles bem nos reclamam mais, mas nós também não podemos; as terras cansadas, o Grémio e outros intermediários a sugarem-nos, as Juntas das Frutas, do Vinho, etc, a roubarem-nos descaradamente, os adubos e insecticidas a subirem de preço, as tempestades a estragar sem que ninguém nos acuda, como podemos pagar mais? Quem o pode fazer são os grandes lavradores, os capitalistas do campo e esses são os que menos querem pagar e ainda nos fazem patifarias nos Grémios, nas Juntas, nas Cooperativas, eles ou os seus lacaios, quando sabem que nós, os pequenos e médios agricultores, resolvemos dar mais uns escudos aos nossos jornaleiros.

De quem então a culpa? É contra os operários agrícolas que temos de nos voltar? Não! Eles são ainda mais explorados e sacrificados que nós. No fundo, o explorador deles é o mesmo que o de nós: é o Estado fascista, é Salazar e a sua organização corporativa e a parasitagem dos intermediários que eles criaram ou não combatem.

Temos portanto de mudar de tática. Temos que nos aliar aos trabalhadores, mostrar-lhes que o mal da sua situação não depende de nós, que não ganham muito em partir à aventura por essas terras além, até França e mais longe deixando os seus à sorte, que o que há a fazer é unirmo-nos contra o inimigo comum: o grande agrário, o banqueiro, as Juntas e mais intermediários, Salazar e a sua camarilha.

Eles e nós temos todos de nos batermos para ficarmos na nossa

terra senão hoje são eles que emigram e amanhã somos nós, já sem terras, por as termos vendido ou as termos perdido em hipotecas, a ter de fugir.

Temos de nos bater, pela terra e contra a guerra que devora em Angola e na Guiné milhões de contos, enquanto a nós não nos dão nada por termos perdido culturas com as cheias, as trovoadas, etc; pela terra nossa onde agora se vêm instalar americanos, franceses, alemães, ingleses e sabemos lá quantos mais, roubando-nos terras e o socego, preparando-se para devastar com exercícios e aviões outras terras mais, e deixando ainda o nosso querido País alvo de justas represálias se aqueles militares fizerem partir de Portugal foguetões e bombas atómicas sobre a União Soviética, como é intenção deles.

Temos de nos bater, bem unidos, pela independência da nossa Pátria, pela democracia, pela Paz, e derrubando o fascismo, instauran-

LAVRADORES DA MOITA!

EXIJAMOS QUE A DIRECÇÃO HIDRÁULICA DO MONDEGO TOME MEDIDAS

As águas torrenciais do chamado rio da Serra ou de Angarna deram este inverno cabo dos campos de cultura e de vinhedos que o ladeiam numa extensão de 3 quilómetros, desde Vila Nova até Anadia, provocando prejuízos incalculáveis.

Apesar dos constantes pedidos de providências ninguém responde aos lavradores que vêm os seus terrenos «comidos» pelas águas. A própria Junta de Freguesia da Moita dirigiu um daqueles pedidos à Direcção Hidráulica do Mondego, pois esta pode realizar os trabalhos necessários a que termine aquele estado de coisas e que nos próximos anos o caso não se repita. O silêncio foi a mesma resposta de sempre: nada se fez até hoje como trabalhos.

Naquele officio da Junta de Freguesia dizia-se: «os lavradores nada podem fazer e assistem com o maior desgosto, impotentes, à destruição das suas terras». Ora isto não é verdade. O nosso dever não é de assistir impotentes, mas o de reclamar, exigir. Temos de salvar as nossas terras da destruição, pois elas são o nosso ganha pão e o dos trabalhadores que nelas trabalham. Não é verdade que não possamos fazer nada. Podemos juntar-nos na nossa freguesia, discutir o problema, redigir uma exposição às autoridades, assiná-la todos, eleger uma comissão e mandá-la com aquela exposição a Coimbra, à sede da Direcção Hidráulica e não sair de lá sem resposta, ir depois expôr o nosso problema e a resposta da Hidráulica aos jornais, ao governador Civil, aos presidentes das Câmaras da nossa região.

Os lavradores têm força e tudo podem alcançar se se souberem unir e lutar pela resolução dos problemas que os afligem. Havemos de forçar a Hidráulica a fazer as obras que se impõem!

do a democracia, sendo independentes e dando a independência aos povos das colónias, já haverá trabalho para todos, já não haverá emigração, já as terras serão de novo cultivadas, já o Estado democrático e progressivo ajudará a agricultura.

Lutemos pois pela paz, pela democracia e pela independência nacional!

PARA QUE SERVEM...

que recebem.

Obrigá-los a fornecerem créditos a baixo juro e a longo prazo aos mais necessitados.

Bem sabemos que só um governo democrático, onde nós possamos eleger livremente os nossos representantes, poderá resolver os problemas da Lavoura. No entanto, se nos organizarmos para a acção, conseguiremos a resolução dos problemas maiores.

A UNIÃO FAZ A FORÇA! A NOSSA UNIÃO VENCERÁ!

O INVERNO E OS AGRICULTORES

O inverno já ficou para trás mas ainda se sentem os seus rastros dolorosos nas nossas terras. Ventos fortes, chuvas demasiadas, gêlo, granizo (e até sismos nos Açores) tudo veio prejudicar sementeiras, florescimentos, frutas, numa palavra o nosso trabalho.

As cheias do Tejo, do Mondego e do Douro devastaram mais uma vez muitas culturas. Já em Novembro isso acontecera e não faltaram nessa altura as costumadas promessas. Seguiu-se o silêncio e quando o lavrador procurava extrair da terra alguma recompensa, novas cheias! É uma catástrofe para nós! Depois, como as povoações em que vivemos são há muito abandonadas pelo governo, o inverno corta-nos ainda as reles estradas e os caminhos que nos servem; as povoações que a têm, ficam sem luz. Tudo é desolação e tudo se resume para o camponês em ameaça de fome, de frio, de miséria.

Antes de mais é que culpar os responsáveis. Alguns perguntarão: então o governo é que é o responsável de chover, de haver cheia, de ficarmos sem luz e sem comunicações? Claro que não é o governo de Salazar que manda a chuva ou o vento. Mas é ele o responsável por

não ter ainda feito os trabalhos que fariam com que as chuvas e os temporais não prejudicassem as nossas terras e as nossas culturas. É o governo que pode construir barragens e lagoas para armazenar as águas dos rios, e canais para dirigir essas águas para terras onde a água falta no verão. É o governo que pode mandar desassorear os rios de forma a estes terem os leitos livres, profundos, por onde as águas possam circular livremente direito ao mar, através de barras desimpedidas por dragagens frequentes. É o governo que pode quebrar o isolamento das nossas aldeias e dos nossos lugares mandando construir estradas que não sejam uma grande fila de buracos e poças de água após as primeiras chuvas. É o governo que pode electrificar as nossas regiões. É o governo que pode distribuir pelas vítimas das calamidades naturais subsídios em dinheiro, em sementes, em adubos e fertilizantes, em insecticidas e em maquinaria que os ajude a sair rapidamente dos desastres invernais.

O que acabamos de enumerar é o que fazem os governos que se importam com a situação e as condições de vida dos camponeses. Ora

ao governo fascista de Salazar só interessa se os monopólios continuam ou não a aumentar seus lucros para, na hipótese negativa, tomar as medidas necessárias para o continuo engrandecimento da riqueza dos tubarões da finança. Pelos camponeses, pelos operários, pelos empregados só distribui desprezo e impostos directos ou indirectos.

Cabe-nos a nós obrigar o governo salazarista a conceder os subsídios e ajudas com que possamos fazer face às consequências da invernia. Para isso não basta lamentarmos-nos uns com outros. Há que organizar reuniões de camponeses onde saiam, eleitas, comissões de lavradores que se dirijam às autoridades pedindo providências. E se estas não vierem rápidas, não podemos fiarmo-nos em promessas: concentremo-nos deante da Câmara do nosso Conselho ou do Governo Civil do nosso distrito, enviemos as comissões eleitas ao Porto ou a Lisboa, ao ministro, aos jornais, exigindo a resolução dos nossos problemas, desmascarando o governo fascista que nada faz por nós, provando que Salazar é ainda a maior calamidade que nos caiu em cima no inverno como no verão. Há que acabar com esta calamidade!

SEM COMENTÁRIOS... E PÚBLICO!

Extraído do «Jornal de Notícias» de 9 de Abril de 1964, na secção de notícias da Bairrada.

«Bem dignas de nota são as contas do que pode resultar a cultura de um saco de batatas, que nos foram fornecidas por um lavrador da região. Este havia comprado, em 1963, um saco de batatas de semente seleccionada estrangeira, por 238\$00. Na adubação gastou 150\$00; na jorna de seis mulheres a 15\$00 cada, 90\$00; em 10 sulfatações e insecticidas, 70\$00; e no arranque e transporte, 110\$00, o que perfaz a importância de 658\$00.

Este saco de batatas produziu 40 arrobas que foram vendidas a 14\$00 e renderam 560\$00, resultando portanto um PREJUÍZO DE 98\$00...»

«Continua a chuva, atrasando assim os trabalhos da lavoura e, como há falta de operários, os lavradores vão ter sérias dificuldades para fazerem as sementeiras.

Algumas terras de milho ficarão por semear, pois vários geireiros venderam as suas juntas para (...) poderem emigrar.

Houve proprietários que tiveram esta ideia: em substituição de falta de operários não seria possível adquirirem-se pequenos tractores para o amanho das terras por intermédio do Grémio da Lavoura?

Aqui fica o nosso alvitre (...) tomando-se também em conta a crise que estamos atravessando devido à falta de colocação de venda dos produtos, principalmente do vinho, milho e batatas.

A nossa freguesia é de pequenos proprietários que vivem somente dos seus rendimentos e lutam com grandes dificuldades para poderem suportar as despesas». (Publicado no «Jornal do Fundão» com o título «As dificuldades da Lavoura — Uma Sugestão», referindo-se à freguesia de Casegas).

Ao serviço dos camponeses

(continuação da 1.ª pág.)

tem procurado cumprir aquelas afirmações. Bem sabemos que estamos longe da meta que nos propusemos alcançar. As dificuldades a vencer são imensas, e as maiores são as causadas pela repressão salazarista. Mas, se todos quisermos, elas serão vencidas.

Como dizíamos no primeiro número «ESCREVER PARA «A TERRA», DIVULGAR «A TERRA», AJUDAR FINANCIERAMENTE «A TERRA» É OBRIGAÇÃO DE TODOS OS LAVRADORES OPRIMIDOS PELO SALAZARISMO...»

Se concretizarmos esta orientação não tenhamos dúvidas de que o nosso jornal cumprirá o seu dever, na luta pela defesa dos interesses dos camponeses do Norte, na luta pelo derrubamento do fascismo, na luta pela conquista da democracia, da liberdade e da paz para a nossa querida terra.